

CELSO FURTADO E O PROGRESSO TÉCNICO

Resumo

O objetivo desse trabalho é analisar como o progresso técnico é tratado na teoria do desenvolvimento de Celso Furtado. Em um primeiro momento, discute-se as características do progresso técnico nas economias desenvolvidas e subdesenvolvidas. Feita esta consideração inicial, o artigo destaca os condicionantes do progresso técnico do ponto de vista da demanda, que colocam as nações subdesenvolvidas em condições de dependência. Finalmente, procura-se apresentar uma síntese dos determinantes do progresso técnico no subdesenvolvimento. Do ponto de vista da estrutura produtiva (condições de oferta), demonstra-se que Furtado reconheceu o progresso técnico como a mera difusão dos métodos produtivos criados nas economias centrais. Do ponto de vista da demanda, o progresso técnico é condicionado pela dependência cultural dos estratos de mais alta renda das economias periféricas.

Palavras-chave: Celso Furtado; progresso técnico; subdesenvolvimento.

Classificação JEL: N16; O10; O30.

Abstract

The objective of this paper is to analyse as the technical progress is dealt in the theory of development of Celso Furtado. In a first moment, it discusses the characteristics of technical progress in developed and underdeveloped economies. After this initial consideration, the paper

**HERTON CASTIGLIONI
LOPES**

Doutor em Economia pela
UFRGS. Professor Adjunto da
UFFS.

highlights the conditioning factors of technical progress from the point of view of demand, that put underdeveloped nations under conditions of dependence. Finally, it presents a synthesis of determining factors of technical progress in underdevelopment. From the point of view of productive structure (conditions of supply), it demonstrates that Furtado has recognised technical progress as the mere diffusion of productive methods created in central economies. From the point of view of demand, technical progress is conditioned by cultural dependency of sectors of higher income in peripheral economies.

Keywords: Celso Furtado; technical progress; underdevelopment.

I. Introdução

O crescimento de uma economia desenvolvida é, portanto, principalmente um problema de *acumulação de novos conhecimentos científicos e de progressos na aplicação desses conhecimentos*. O crescimento das economias subdesenvolvidas é sobretudo um processo de *assimilação da técnica prevalecente na época*. (Furtado, 2006, p. 204; itálicos adicionados)

Não existem dúvidas de que Celso Furtado foi um dos maiores pensadores brasileiros. Como

economista heterodoxo, dedicou maior parte de sua vida a pensar apaixonadamente o Brasil¹ e os problemas históricos de desenvolvimento de um país que se manteve refém de uma divisão internacional do trabalho altamente prejudicial às condições de vida da maior parte de sua população. Furtado apresenta um conjunto de obras altamente complexo. Suas análises fogem a questões meramente econômicas e requerem um tratamento interdisciplinar. Apesar muitos dos seus escritos remontarem a uma época em que a América Latina avançava em seu processo de substituição de importações (PSI) muitas de suas ideias ainda permanecem válidas, especialmente àquelas relativas a condição de atraso da economia brasileira.²

Normalmente os estudantes de economia tomam contato com Furtado a partir de sua interpretação sobre o crescimento industrial brasileiro na década 1930, época que ficaria conhecida na historiografia brasileira pelo “deslocamento do centro dinâmico”: a passagem de uma economia primário-exportadora para uma lógica em que a acumulação de capital, a geração de renda e emprego seriam determinadas pela indústria (Fonseca, 2003), ainda que em fase incipiente de desenvolvimento. Sua brilhante interpretação da crise do setor cafeeiro, a política “keynesiana” do período e as oportunidades abertas para

indústria nacional são, ainda hoje, questões de discussão entre pesquisadores da época.

A controvérsia sobre a constituição da indústria brasileira é a prova cabal da complexidade e grandiosidade da sua obra. Mesmo após dezenas de anos, *Formação econômica do Brasil* (Furtado, 1998) é referência obrigatória nos cursos de economia e nas disciplinas que analisam o Brasil a partir de um método histórico-estrutural.³ Mais interessante, porém, é que a maior parte das teses apresentadas pelo autor ainda permanecem válidas, apesar dos estudos que se desenvolveram posteriormente.⁴

Após o grande crescimento industrial dos anos 1930, Furtado dedicou-se a analisar por que o país se mantinha subdesenvolvido mesmo com o crescimento do mercado interno e as potencialidades que se abriam à industrialização. Foi autor de inúmeras obras que, se descritas minimamente, não teriam espaço nesse texto. Por isso, a um objetivo mais modesto, mas de grande importância, propõe-se o trabalho: procura analisar o papel do progresso técnico na teoria do desenvolvimento de Celso Furtado, especialmente os aspectos que condicionam as economias latino-americanas à condição de subdesenvolvidas.⁵

Embora apareça com menor destaque em estudos que tratam do pensamento de Furtado, o progresso técnico é uma questão central porque

define as diferenças de produtividade que separam o centro desenvolvido das economias periféricas. Somente essa questão já traz à tona a atualidade de sua obra. Não são poucos os autores, de diversas linhas teóricas, que tem se debruçado sobre o estudo de como a tecnologia molda as diferentes condições de crescimento das economias, relegando a algumas o papel de subordinadas e menos desenvolvidas.

Para atingir essa proposta, a seguir apresenta-se a importância do progresso técnico como elemento condicionante do desenvolvimento e, é claro, também do subdesenvolvimento (seção 2). Enquanto a segunda seção centra-se em algumas questões que se apresentam na estrutura de oferta, a seção 3 analisa o progresso técnico como condicionado pela demanda. Na seção seguinte (4) procura-se, mesmo correndo risco de uma simplificação exagerada, apresentar uma sistematização do pensamento de Furtado sobre o papel desempenhado pelo progresso técnico como condicionante do baixo dinamismo das economias periféricas. Embora a amplitude da obra de Furtado extrapole os elementos econômicos e a visão simplista de crescimento como aumento na produção, nessa seção elencam-se os diversos fatores que determinam o progresso técnico e condicionam muitas economias a situação de baixo dinamismo. Por fim, apresentam-se as considerações finais (seção 5).

2. Progresso técnico, desenvolvimento e subdesenvolvimento

Como estruturalista, Furtado sempre defendeu uma análise do desenvolvimento a partir de determinantes não apenas econômicos. Frisou, categoricamente, que deveriam ser considerados elementos como regime de propriedade da terra, controle de empresas por grupos transnacionais, concentração da renda, precariedade do mercado de trabalho, formação cultural, instituições, fragilidade ideológica, para citar apenas alguns exemplos e não extrapolar essa seção com uma descrição da amplitude de aspectos que engendram o subdesenvolvimento. (Furtado, 1989) Essa completa inter-relação de aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais criam os problemas das economias subdesenvolvidas e as levam à condição de dependência, reduzindo suas possibilidades de aproximarem-se das condições de desenvolvimento das economias de ponta. Com efeito, Furtado reconheceu, como poucos, que a industrialização, na forma como aconteceu nas economias subdesenvolvidas, não ofereceu oportunidades para os países superarem sua condição de atraso. Ou seja, o subdesenvolvimento não é uma simples etapa do desenvolvimento, como procuraram demonstrar muitos economistas de formação tradicional. (Furtado, 1983) Trata-se de um fenômeno histórico específico, que resulta da expansão das economias industriais avançadas, influenciando a dinâmica das economias periféricas

que se mantêm com uma estrutura produtiva heterogênea e onde os ganhos de produtividade são restritos a determinados setores.⁶

Como em qualquer análise desenvolvimentista, no pensamento de Furtado os ganhos de produtividade são a essência para se compreender o desenvolvimento e a forma como acontecem nos países periféricos um aspecto fundamental para compreensão do seu atraso.⁷ A produtividade pode resultar de diversos fatores,⁸ mas que podem ser resumidos em dois aspectos: a acumulação de capital e o progresso técnico (Furtado, 1967). Este último se apresenta com a maior importância porque acaba por afetar a própria acumulação na medida em que define a produtividade, o crescimento e a geração de renda. Em outras palavras, para Furtado (1967) o desenvolvimento é altamente dependente da acumulação que deve acontecer em conjunto com as inovações tecnológicas.

Furtado (1995) observa que as técnicas representam os meios utilizados pelo ser humano para agir com maior eficácia no processo de trabalho. O autor vê o progresso técnico como parte da criatividade humana⁹ que se direciona para ampliar as possibilidades de acumulação do capital e de uso das forças produtivas, proporcionando ganhos de produtividade e crescimento econômico. (Furtado, 1978)

Como a criatividade humana tem sido canalizada principalmente para a inovação tecnológica

(Furtado, 1981), precisa-se indagar como ela condiciona muitos países à condição de subdesenvolvidos. A resposta reside no fato de o progresso técnico acontecer de forma diferenciada nas diversas economias. Nos países centrais a acumulação de capital sempre foi mais intensa e com o objetivo principal de proporcionar melhores métodos produtivos. Já nos países em desenvolvimento, além da acumulação ser precária, o progresso técnico acontece de forma subordinada, dependente das demais nações. Nas suas palavras:

Se, nos países desenvolvidos, o fluxo de novos produtos e o complexo de inovações tecnológicas que os acompanham são essenciais ao funcionamento da economia capitalista, no âmbito mundial, tais fatores operam no sentido de preservar as relações de dominação e dependência que caracterizam a atual economia internacional. (Furtado, 1972, p. 13)

Ao reconhecer a existência de uma grande diferença entre o progresso técnico que se desenvolve na periferia e o que ocorre nos países avançados, Furtado manteve-se fiel ao corpo analítico da Cepal e colocou-se na vanguarda de análises que seriam aprofundadas por outras correntes teóricas.¹⁰ Sua ideia é que o progresso técnico tende a ser recorrente e disseminar-se, nas nações desenvolvidas, de forma mais rápida e eficaz. Já nas economias periféricas, a inventividade do ser humano reduz-se apenas à difusão de técnicas e não a sua criação. Por

isso, o desenvolvimento depende da gênese e evolução da inovação, que se caracteriza pela “acumulação-incorporação” de invenções (países centrais) ou apenas pela “acumulação-difusão” das inovações previamente existentes (países periféricos). (Furtado, 1967, p. 2) Pelo fato das técnicas destinarem-se fundamentalmente a reproduzir as condições produtivas observadas nas economias avançadas, o processo inovativo das economias periféricas materializa-se na disseminação de métodos já esgotados nos países de ponta.¹¹ (Furtado, 1989)

Observou o autor que no início do processo de substituição de importações (PSI) das economias latino-americanas, a dependência acontecia pela necessidade de aquisição de bens consumo produzidos pelas economias avançadas. Após o PSI a dependência passou dos bens de consumo finais para os bens de produção e insumos básicos.¹² Essa relação de subordinação foi estabelecida historicamente, pois na medida em que as economias do centro foram se industrializando, ampliando sua capacidade de acumulação, estiveram na vanguarda do progresso técnico, mantendo a periferia apenas como mercados a serem explorados pela apropriação dos eventuais ganhos de produtividade. Findo o PSI, a dependência tecnológica exacerbou-se e a moderna tecnologia ficou cada vez mais distante.¹³ Nas palavras de Furtado (1969, p. 42), a industrialização dessas nações “[...] tende a realizar-se dentro de um canal cada vez mais

estreito e num sentido cada vez mais contrário ao da moderna tecnologia [...]”.

Contemporaneamente, os problemas tecnológicos dos países periféricos foram agravados porque a inovação e o progresso técnico ficaram nas mãos de poucas empresas. (Furtado, 2002) As transnacionais ampliaram a dependência tecnológica na medida em que passaram a controlar o progresso técnico de acordo com seus objetivos. Elas aproveitaram-se do fechamento de mercado promovido pela estratégia de substituição de importações e conseguiram um grande mercado, a ser explorado mesmo com tecnologia amortizada.¹⁴ (Furtado, 1981, p. 45)

No momento em que se reconhece o processo de globalização como irreversível e que se coloca em pauta a competitividade das indústrias dos países emergentes¹⁵, Furtado foi categórico em demonstrar que a baixa autonomia tecnológica e a dependência das empresas transnacionais prejudicam a inserção dos países menos desenvolvidos no mercado internacional. Para Furtado (1981), enquanto o progresso técnico nas economias centrais cria vantagens competitivas dinâmicas, nas economias periféricas ele continua a pautar-se sobre a exploração dos recursos naturais e, mesmo quando a manufatura interna avança, surge “uma periferia semi-industrializada” que aparece “[...] sob a forma de um espaço em que se localizam atividades industriais controladas do centro e orientadas

em boa parte para o mercado deste”.¹⁶ (*ibidem*, p. 47)

Finalmente, o papel do progresso técnico na definição do desenvolvimento e subdesenvolvimento fica claro quando Furtado (1981) afirma serem consideradas desenvolvidas as economias que podem aumentar seu nível de produtividade (renda *per capita*) introduzindo novas técnicas produtivas, desde que não exista desemprego de fatores. Por outro lado, as economias subdesenvolvidas são aquelas em que a produtividade poderia ser aumentada com a simples implantação de técnicas já conhecidas. Este fenômeno impede a absorção da grande massa de trabalhadores existente gerando desemprego e uma série de problemas sociais: um quadro característico das economias subdesenvolvidas.

3. O progresso técnico como condicionado pela demanda

Na visão de Furtado, o aumento da produtividade pela introdução de novas técnicas produtivas faz com que a renda real da economia aumente e isto se reflete na estrutura global da procura. A sequência é uma retroalimentação, onde as características da demanda vão agir estimulando o tipo de produção e os ganhos de produtividade, que ocorrem pela introdução de novas técnicas produtivas. Com uma análise keynesiana o autor observa que a evolução da demanda molda as condições produtivas e os

rumos do processo de desenvolvimento. Ou seja, a forma como o progresso técnico acontece, sua baixa dinamicidade e alta dependência são substancialmente afetadas pelo comportamento da procura e seus condicionantes históricos. (Furtado, 2006; 1967)

Para compreender o papel do progresso técnico no baixo desempenho das economias periféricas é imprescindível analisar, primeiramente, como acontece a destinação do excedente nessas nações, pois ele pode ser apropriado por diversas classes e utilizado para estratificação social (via consumo) ou introdução de novas técnicas produtivas. Como na análise de Marx, Furtado demonstra que o desenvolvimento econômico é altamente dependente da criação do excedente, entendido como o quantum de recursos que ultrapassa as necessidades básicas e historicamente consolidadas de determinada população.

O problema é que o excedente criado nas nações periféricas, mediante a exploração de recursos a baixo custo, destinou-se à acumulação das economias cênicas. Além disso, a parte destinada à periferia, na maioria dos casos, foi utilizada para fins improdutivo. Com efeito, Furtado (1989) apresenta quatro possibilidades para destinação do excedente econômico: a) apropriação do excedente exclusivamente em benefício do centro; b) apropriação do excedente por um segmento da classe dominante local; c) apropriação do excedente por grupos locais

que o utilizam para ampliar seu poder; d) apropriação do excedente por parte do Estado.

Segundo Furtado, (1989) apesar das formas *a* e *d* serem observadas, as formas de *b* e *c* são as que definiram a evolução do capitalismo periférico. A apropriação do excedente por parte de alguns grupos locais (ou classe dominante) foi primordial para constituição histórica de um capitalismo desigual. Ao ser apropriado por esses grupos, o excedente acabou utilizado para satisfazer um padrão de consumo que se assemelha, ou é uma cópia, dos arquétipos de consumo observados nas economias desenvolvidas. Historicamente isso se refletiu em aumento de importações, estrangulamento externo e poucos estímulos às atividades produtivas internas. (Furtado, 1974) Constituídas as atividades industriais dessas economias, criou-se a necessidade de um progresso técnico destinado à reprodução de bens fabricados nas economias centrais.

Furtado (2006) observou que a disparidade no nível de desenvolvimento entre países ricos e pobres tende a influenciar a propensão a consumir destes últimos. Alguns estratos sociais estão fadados a imitar os níveis materiais dos países desenvolvidos, fazendo com que uma grande parte da renda nacional e do excedente acabe sendo destinado a um tipo de dispêndio que tende a diversificar-se, esterilizando parte significativa da poupança.¹⁷

Da análise do processo de modernização das economias periféricas e da forma como evolui o progresso técnico, surge a preocupação de Furtado com a distribuição da renda, a contração fundiária e a reprodução das desigualdades que se processam nos países subdesenvolvidos. Para Furtado a manutenção do subdesenvolvimento necessita de um elevado grau de concentração da riqueza, capaz de colocar alguns estratos sociais das nações periféricas em condições de adquirir bens idênticos aos fabricados nas economias avançadas. Assim, os ganhos de produtividade das economias atrasadas acabavam nas mãos de poucos e seus frutos “revertiam em benefício de uma pequena minoria, razão pela qual a renda disponível para o consumo do grupo privilegiado cresceu de forma substancial” (Furtado, 1974, p. 79). A dependência técnica e produtiva, nesse caso, resulta de uma dependência cultural, que Furtado chama de “processo de modernização”: “Chamaremos de modernização a esse processo de adoção de padrões de consumo sofisticados (privados e públicos) sem o correspondente processo de acumulação de capital e progresso nos métodos produtivos” (Furtado, 1974, p. 81).

Aconteceu, nos países periféricos, uma verdadeira colonização cultural que acometeu principalmente as classes dirigentes. Míopes em relação aos problemas que se desenham nas relações estabelecidas entre centro e periferia, não foram capazes de observar que seu papel na

divisão internacional do trabalho seria historicamente subordinado. Trocaram, então, a autonomia federativa pela apropriação de uma parte do excedente, o que, ironicamente, acabaria por reproduzir problemas sociais, condenando essas economias a um capitalismo desequilibrado.

Ao assimilarem padrões de consumo dos países desenvolvidos, os países periféricos tornaram-se dependentes. Essa dependência cultural, que assume características produtivas, tende a intensificar-se mesmo com uma indústria bem desenvolvida. Antes do processo de substituição de importações, o consumo das classes dirigentes era abastecido pelas importações. Quando as economias periféricas criaram condições para produzir internamente certos bens, reforçou-se a existência de uma estrutura produtiva dual, composta por um segmento tradicional ligado às exportações e ao consumo do mercado interno (rural e urbano) e outro com indústrias intensivas em capital e cujo progresso técnico acontecia a partir da pesquisa e desenvolvimento (P&D) dos países desenvolvidos. Este último produzia para uma minoria que se apropriava do excedente e imitava os padrões de vida existentes no exterior. Veja-se o problema na visão do autor:

[...] miniaturizar, em um país periférico, o sistema industrial dos países cênicos contemporâneos, onde a acumulação de capital alcançou níveis muito mais altos, significa introduzir no aparelho produtivo uma profunda descontinui-

dade causada pela coexistência de dois níveis tecnológicos. (Furtado, 1974, p. 89)

São claros os problemas que se processam quando se procura transplantar um sistema produtivo de uma economia avançada para uma economia subdesenvolvida. Na ausência de progresso técnico endógeno, a única forma de satisfazer a dependência cultural das elites é absorver uma tecnologia de altos custos, que se mistura com estruturas arcaicas, e somente pode produzir para um número limitado de pessoas. Evidentemente, elas devem possuir grande parte da renda nacional, mantendo o restante da população em condições de subsistência.

4. Uma síntese dos condicionantes do progresso técnico nas economias subdesenvolvidas: a estrutura produtiva e as condições da demanda

Uma coisa parece óbvia quando se analisa o progresso técnico no subdesenvolvimento: ele evolui e traz efeitos diferenciados do progresso técnico introduzido nas nações avançadas. Nessas últimas, devido à escassez relativa da mão de obra, os salários tendem a crescer e existe melhor distribuição de renda. Com isso, o progresso técnico é introduzido com vistas a aumentar a produtividade do trabalho; resultando em um crescimento diferenciado. Nos países periféricos, o progresso técnico pauta-se

pela modernização e dependência cultural, que objetiva oferecer a alguns, mediante concentração da riqueza, as condições de vida observadas nos países centrais.

O que diferencia o progresso técnico nas economias desenvolvidas do que ocorre no subdesenvolvimento é que neste se trata de um fenômeno dependente. Numa economia desenvolvida o progresso técnico é autônomo, objetiva o desenvolvimento e é criado endogenamente. Na compreensão de Furtado (1969, p. 22) nas economias centrais a ordem sob a qual se processa o crescimento seria “progresso tecnológico – acumulação de capital – modificações estruturais decorrentes de alteração no perfil da demanda”. Por outro lado, nas economias periféricas, o desenvolvimento é essencialmente dependente dos tipos de dispêndios, ou seja, segue a sequência: “modificações na composição da demanda – acumulação de capital – progresso tecnológico”.

Assim:

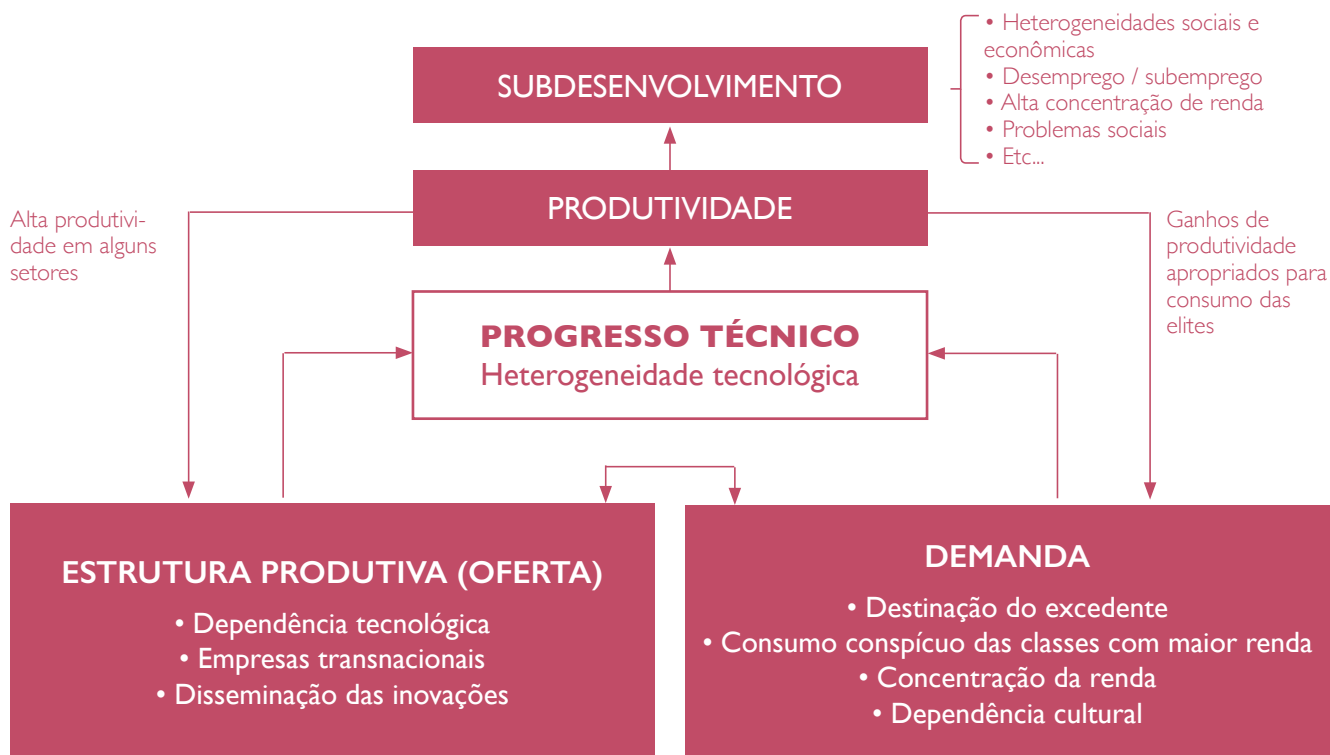
[...] o que caracteriza uma economia dependente, é que nela o progresso tecnológico é criado pelo desenvolvimento, ou melhor, por condições estruturais que surgem inicialmente do lado da demanda, enquanto nas economias desenvolvidas o progresso tecnológico é, ele mesmo, a fonte do desenvolvimento. De uma perspectiva mais ampla, cabe reconhecer que o desenvolvimento de uma economia dependente é reflexo do desenvolvimento tecnológico nos polos dinâmicos da economia mundial. (Furtado, 1969, p. 23)

Furtado (1967) observou que o desenvolvimento é afetado por fatores que operam tanto na oferta como na demanda.¹⁸ Na figura a seguir, procura-se sistematizar os elementos determinantes do progresso técnico nas economias menos desenvolvidas, ou seja, aqueles que mantêm essas nações com baixa dinamicidade. Observa-se que a produtividade é definidora do processo de desenvolvimento, mas resulta da acumulação do capital e da dinâmica do progresso técnico. Contudo, este último, nos países periféricos, é altamente dependente das

inovações que acontecem nos países desenvolvidos. Antes do processo de substituição de importações, os ganhos de produtividade advinham das vantagens comparativas através da exploração de recursos naturais e da mão de obra em abundância. Passado o PSI, os ganhos de produtividade passaram a ser determinados por tecnologias externas.

Se as tecnologias que proporcionam os ganhos de produtividade para as economias subdesenvolvidas não são novas, mas estão em utilização (ou saturação) nas economias centrais, as

Figura 1. Progresso Técnico e Subdesenvolvimento



Fonte: Elaboração própria.

grandes responsáveis pela exploração do mercado interno são as empresas transnacionais. A elas interessa explorar novos mercados, principalmente porque as tecnologias de seu domínio ainda podem proporcionar rentabilidade nos mercados atrasados, que não possuem capacidade inovativa própria e onde a própria disseminação de tecnologias é lenta devido ao tamanho dos mercados e do público consumidor, restrito exatamente em função das limitações de renda.

Mesmo proporcionando ganhos de produtividade, seja antes ou após o período de industrialização, a apropriação do excedente nas economias periféricas acaba sendo comprometida. Como alguns grupos nacionais apropriam-se do excedente, a renda acaba sendo utilizada em benefício de indivíduos que reproduzem as condições de vida dos países desenvolvidos. Este é, provavelmente, o maior problema das economias periféricas. Se, do ponto de vista da oferta, o progresso técnico depende das inovações desenvolvidas nos países centrais e do seu traslado via empresas de capital estrangeiro, do ponto de vista da demanda, a acumulação, que poderia reverter-se em técnicas produtivas mais avançadas, é barrada pelo consumo das classes dirigentes, cuja dependência cultural entrava a acumulação e os ganhos de produtividade que provêm do progresso técnico.

Devidos às especificidades do progresso técnico, o subdesenvolvimento de Furtado acaba sendo

caracterizado por uma dualidade tecnológica, pois nos países periféricos coexistem setores modernos, destinados ao consumo da classe dirigente, e setores completamente atrasados, destinados à produção de bens de subsistência que atendem as necessidades da maioria da população. Como resultado, além dos ganhos de produtividade serem apropriados por um número restrito de indivíduos, ainda são mais intensivos em alguns setores, não se disseminando completamente pela economia e agravando os problemas de desemprego, subemprego, heterogeneidade tecnológica, concentração de renda e carência social (Bielschowsky, 2010)⁹; fenômenos característicos do subdesenvolvimento e que tentem a perpetuar-se.

Então, se observa que a estrutura de oferta (dependência tecnológica, operação de transnacionais e baixa disseminação das inovações) em interação com fatores que operam do lado da demanda (destinação do excedente, consumo conspícuo das famílias mais ricas, concentração da renda e dependência cultural) definem as características do progresso técnico e os ganhos de produtividade. Contudo, o problema é que a adoção de tecnologias de ponta acontece apenas em alguns setores e, ainda assim, seus frutos destinam-se, de forma substancial, ao consumo improdutivo de alguns estratos sociais. Na *Análise do modelo brasileiro*, Furtado (1972) reafirma entender que o processo de (sub-)desenvolvimento requer tratar da dinâmica que se observa

entre o lado da oferta, onde ocorre o progresso técnico, e o lado da demanda, que o influencia a partir da formação cultural de uma sociedade dependente dos padrões de consumo observados no exterior.

5. Considerações finais

O objetivo desse texto foi discutir o progresso técnico como condicionante do subdesenvolvimento na abordagem de Celso Furtado. A análise precedente demonstrou que Furtado reconheceu ser a forma como a tecnologia evolui nos países subdesenvolvidos elemento determinante do seu atraso. O progresso técnico mostra-se incapaz de promover o desenvolvimento porque ocorre de forma absolutamente diferenciada das economias desenvolvidas. Nas economias periféricas, antes e após o PSI, o excedente destinou-se a financiar o consumo de uma parte privilegiada da população que copiou o modo de vida das nações desenvolvidas, impedindo o desenvolvimento de tecnologias autônomas. Como consequência, reproduzem-se as condições de dependência e uma dualidade tecnológica que se manifesta a partir de setores atrasados e modernos. O resultado é uma estrutura de oferta incapaz de absorver a mão de obra disponível, mantendo-se os problemas de desemprego e subemprego, aliados a uma alta concentração de renda e problemas sociais.

Passada uma década da morte de Celso Furtado e cerca de meio século depois de muitos dos seus estudos, seus textos nunca pareceram tão atuais. Embora escritos há décadas apresentam-se ao leitor com caráter de denúncia sobre uma sociedade que mantém um padrão de crescimento benéfico apenas para uma parcela muito pequena da população e, desta forma, prejudica a acumulação do capital, a destinação de recursos ao setor produtivo e o progresso das técnicas, que se mantém precárias e dependentes de grupos que colocam os interesses das nações de ponta à frente dos objetivos das nações que exploram.

Num momento em que a globalização (financeira e produtiva) apresenta-se como irreversível e quando o neoliberalismo mostra-se incapaz de promover um crescimento forte e sustentado das economias menos desenvolvidas, analisar a forma como o progresso técnico evolui aparece como elemento de alta relevância. No cenário atual de desenvolvimento, a globalização financeira apresenta-se apenas como uma forma de financiar os padrões de consumo das elites mediante um fluxo de capitais especulativos que servem apenas para prejudicar ainda mais a endogenia do progresso tecnológico, que continua a acontecer a partir dos interesses de empresas que procuram apenas explorar mercados em expansão.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE, E. M. “Inovação em Celso Furtado: criatividade humana e crítica ao capitalismo”, *Texto para discussão*, n. 470. Cedeplar, UFMG, 2013.
- BIELSCHOWSKY, R. “Vigência das contribuições de Celso Furtado ao estruturalismo”, *Revista da CEPAL*, número especial em português, maio, 2010
- _____. “Evolución de las ideas de la CEPAL”. *Revista da CEPAL*, número Extraordinario, p. 21-45, Outubro 1998.
- _____. “Formação econômica do Brasil: uma obra-prima do estruturalismo cepalino”, *Revista de Economia Política*, vol. 9, n. 4, outubro-dezembro, 1989.
- BORJA, B. *O sentido da tecnologia: a teoria do subdesenvolvimento de Celso Furtado*. Dissertação (Mestrado em Economia) – Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. *Globalização e competição*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2010.
- _____. “Método e paixão em Celso Furtado”. In: BRESSER-PEREIRA, L. C. & REGO J. M. (Orgs.). *A grande esperança em Celso Furtado*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- BRESSER-PEREIRA, L. C & GALA, P. “Macroeconomia estruturalista do desenvolvimento”, *Revista de Economia Política*, vol. 30, n. 4 (120), pp. 663-686, outubro-dezembro, 2010.
- FONSECA, P. C. D. “O processo de substituição de importações”. In: REGO, J. M. & MARQUES, R. M. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Saraiva, 2003.
- FURTADO, C. [1950]. “Formação de capital e desenvolvimento econômico (1950). Série memórias do desenvolvimento”, *Cadernos do Desenvolvimento*, ano 1, n. 1 (2006). Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2006.
- _____. *Metamorfoses do capitalismo*, 2002. Disponível em: <http://www.redcelsofurtado.edu.mx/archivosPDF/furtador.pdf>. Acesso em: 18 de junho de 2014.
- _____. [1959]. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1998.
- _____. *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- _____. “A invenção do subdesenvolvimento”, *Revista de Economia Política*, vol. 15, n. 2, (58), abril-junho, 1995.
- _____. “Entre o inconformismo e reformismo”, *Revista de Economia Política*, vol. 9, n. 4, outubro-dezembro de 1989.
- _____. “A crise da economia capitalista”, *Revista de Economia Política*, vol. 3, n. 2, abril-junho, 1983.
- _____. *Criatividade e dependência na civilização industrial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. *Análise do “modelo” brasileiro*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1972.
- _____. *Um projeto para o Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Saga, 1969.
- _____. “Estado e empresas transnacionais na industrialização periférica”, *Revista de economia Política*, vol. 1, n. 1, janeiro-março, 1981.
- _____. “Reflexões sobre a crise brasileira”, *Revista de Economia Política*, vol. 20, n. 4, julho-setembro, 2000.
- _____. *Teoria e política do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- GONÇALVES, R. “Nacional desenvolvimentismo às avessas”, *Anais do I Circuito de debates acadêmicos*. Brasília: IPEA, 2011.
- OREIRO, J. L.; FEIJÓ, C. A. “Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro”, *Revista de Economia Política*, 30(2), 219-232, 2010.
- PEREZ, C. “Cambio tecnológico y oportunidades de desarrollo como Blanco móvil”, *Revista de la CEPAL*, Santiago de Chile, n. 75, p. 115-136, dic. 2001.
- PEREZ, C. *Revoluciones tecnológicas y capital financiero: la dinámica de las grandes burbujas financieras y las épocas de bonanza*. México: Siglo XXI, 2004.
- RODRÍGUEZ, O. “La agenda del desarrollo (elementos para su discusión)”, *Economía Ensaíos*, Uberlândia, v. 17, n. 1, p. 7-55, jul./dez. 2002.
- SAES, F. A. M. “A controvérsia sobre a industrialização na Primeira República”, *Estudos Avançados*, 3(7), set.-dez., p. 20-39, 1989.
- VEBLEN, T. *A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- VERSIANI, F. R & VERSIANI, M. T. R. “A industrialização brasileira antes de 1930: uma contribuição”. In: VERSIANI, F. e BARROS, J. R. M. (orgs.). *Formação econômica do Brasil: a experiência da industrialização*. São Paulo: Saraiva, 1977.

Notas

1. São nas palavras de Celso Furtado que se observa essa afirmativa. *Formação econômica do Brasil* “seria o ponto de partida da longa caminhada que empreendi, norteado pelo que foi uma paixão da vida inteira: pensar o Brasil” (Furtado, 2002, p. 1). Sobre a paixão de Celso Furtado na análise dos problemas de desenvolvimento do Brasil, ver também Bresser-Pereira (2001).

2. Em texto escrito em 2002, o autor reforçou os problemas que ainda persistiam no Brasil, reafirmando tratar-se de uma economia pouco desenvolvida. (Furtado, 2002)

3. Sobre a grandiosidade dessa obra, sugere-se o texto de Bielschowsky (1989).

4. Para as interpretações do processo de industrialização do Brasil, sugere-se os textos de Fonseca (2003); Saes (1989); Versiani e Versiani (1977), para citar apenas alguns.

5. Citar esse grande número de obras seria, no mínimo, exaustivo ao leitor. Porém, os exemplos englobam desde autores keynesianos e pós-keynesianos, que enfatizam a importância da demanda como determinante da tecnológica, até autores neoschumpeterianos, que observam o fato de o progresso técnico disseminar-se para economias periféricas quando está em fase de maturação, trazendo poucas oportunidades de alavancar um crescimento sustentável. Ver (Pérez, 2001; 2004).

6. Basta a descrição de Furtado (1965) sobre o fato de os setores primário-exportadores das economias periféricas normalmente serem os mais modernos, causando uma dualidade entre poucos setores avançados (tecnologicamente) e outros, na sua grande maioria, atrasados.

7. Ou seja, uma avaliação do desenvolvimento deve observar “como em nossa economia o fator trabalho vai progressivamente aumentando a produtividade” (Furtado, 2006, p. 204).

8. Pode provir da incorporação de recursos naturais ao processo produtivo, da realocação de recursos pela ampliação dos mercados (externos), da intensificação da capitalização, entre outros (Furtado, 1967).

9. Furtado (1978) observou que a inovação está diretamente relacionada à criatividade humana e que o progresso tecnológico é uma parte das inovações do sistema capitalista. Uma análise aprofundada sobre inovação, criatividade e progresso técnico na obra de Furtado pode ser encontrada em Albuquerque (2013).

10. Bielschowsky (1998) demonstra que a análise do progresso técnico nas economias subdesenvolvidas sempre foi pauta das discussões na Cepal. Mais recentemente, Rodríguez (2002), seguindo o mesmo marco conceitual, observou a existência de uma brecha tecnológica que tende a agravar as diferenças de desenvolvimento entre os países desenvolvidos e as economias periféricas. Outra corrente teórica que tem avançado nas diferenças entre o progresso técnico que ocorre nos países avançados e no resto do mundo é a de cunho neoschumpeteriano. A esse respeito, Pérez (2004) é referência.

11. O que ganha relevância na análise de Furtado é, portanto, o processo de propagação do progresso técnico. Por isso, o autor afirma que o tema central da teoria do desenvolvimento são “as malformações sociais engendradas durante esse processo de difusão” (Furtado, 1995, p. 1).

12. Borja (2008) descreve com detalhes esse processo em Celso Furtado.

13. Na obstante, a própria análise do deslocamento do centro dinâmico da economia brasileira demonstra como o país passa a produzir bens industriais utilizando-se essencialmente de máquinas e equipamentos (tecnologia) importados.

14. Para Furtado (1981, p. 45), “o instrumento essencial dessa penetração foi o controle da tecnologia, concebida em seu sentido amplo: pesquisa e desenvolvimento, *engineering*, produção de equipamentos, montagem e operação de usinas”.

15. Ver os estudos recentes de Bresser-Pereira (2010) e Bresser e Gala (2010).

16. Mais um elemento de atualidade da obra do autor aparece nos estudos sobre o Brasil contemporâneo. Não são poucos os trabalhos que têm procurado analisar o problema de desindustrialização e precariedade da estrutura produtiva observados no país ao longo das duas últimas décadas. A esse respeito, sugere-se os trabalhos de Oreiro e Feijó (2010) e Gonçalves (2011).

17. Embora o consumo conspícuo, para utilizar um termo de Veblen (1983), pareça ser um fenômeno que remonta à era colonial, Furtado deixa clara a sua persistência no texto publicado nos anos 2000 na *Revista de Economia Política* onde questiona: “como não perceber que os elevados padrões de consumo de nossa chamada alta classe média têm como contrapartida a esterilização de parte substancial da poupança e aumenta a dependência externa do esforço de investimento?” (Furtado, 2000, p. 4)

18. Do lado da oferta têm-se duas formas de capitalização que afetam o crescimento: a acumulação-difusão de inovações e a acumulação-invenção. Do ponto de vista da procura existe a constante tentativa de defesa do nível de renda por parte dos assalariados e da remuneração do capital por parte dos empresários (Furtado, 1967, p. 103). Como o que define a direção do desenvolvimento é a demanda, a visão Furtado recai sobre a forma de consumo tanto dos capitalistas como dos trabalhadores, que tendem a usar maior parte da sua renda em consumo improdutivo.

19. Bielschowsky (2010) destaca o que seriam as três grandes contribuições de Celso Furtado ao estruturalismo. A primeira seria a análise histórica da economia brasileira seguindo a tradição estruturalista; a segunda a dificuldade de superar o subdesenvolvimento devido à persistência do subemprego e inadequada diversificação produtiva; e, finalmente, a ideia de que a evolução dos investimentos na periferia é determinada pela demanda.